

A Função do Espírito Santo na Interpretação Bíblica

Moisés Silva

Este ensaio baseia-se numa palestra que apresentei recentemente num encontro da Evangelical Theological Society, nos Estados Unidos.(1) Quando pediram-me para apresentar uma palestra numa reunião como aquela, parti do pressuposto de que os organizadores do evento estavam esperando por algo, se não sensacionalista, pelo menos provocante e, de preferência, chocante. Foi assim que apresentei um trabalho cuja tese principal era esta: nossa situação espiritual não tem qualquer influência sobre a precisão de nossa exegese bíblica.(2)

O que me motivou a propor essa idéia, que para alguns certamente soará estranha, foi um artigo recente do meu ex-colega, Bruce K. Waltke, que defende uma tese diametralmente oposta.(3) Waltke começa afirmando que o Espírito Santo exerce um papel essencial não apenas na revelação da verdade, mas também em sua interpretação,(4) e mais especificamente na "correta exegese da Escritura Sagrada."(5) Segundo Waltke, há uma tendência entre educadores teológicos de separar exegese de espiritualidade. Apesar de subscreverem a doutrina da iluminação do Espírito Santo, a maioria dos intérpretes ortodoxos "ignora essa doutrina na prática."(6) Ele sugere que o *Iluminismo* ("com sua ênfase na razão humana desassistida") e o *realismo escocês* (que separou o conhecimento da fé) podem ser responsáveis "pelo declínio do papel do Espírito Santo na exegese."(7)

Waltke também faz algumas objeções contra a distinção popular segundo a qual "a exegese científica pode determinar o sentido do texto, mas apenas o Espírito de Deus pode internalizá-lo nos corações." Segundo ele, esse conceito "obviamente tem alguma validade," mas "realmente distorce o método exegético e seus objetivos."(8) Argumentando que "qualquer assunto deve gerar seu método apropriado de estudo,"(9) Waltke formula cinco critérios para "uma exegese confiável":

(1) *"objetiva abrir o exegeta para um encontro com Deus";*

(2) *"gera empatia com o autor humano das Escrituras";*

(3) *"ama a verdade";*

(4) *é sensível para com "a natureza depravada do leitor" e*

(5) *reconhece que, à vista da soberania de Deus, o exegeta deve ter "qualificações espirituais apropriadas."*

Eu suponho que nenhum cristão sério faria objeção a esses princípios.(10) Afinal, é improvável que os cristãos discordem a respeito do objetivo explícito das Escrituras. É indiscutível que a Bíblia nos foi dada "não para tornar-nos eruditos, mas santos."(11) A educação teológica condena-se a si própria na medida em que obscurece esse alvo, ao invés de promovê-lo. Em outras palavras, se a verdadeira tese de Waltke é que a espiritualidade deve estar totalmente integrada na educação teológica porque o nosso ideal deve ser "a transformação de nossas vidas espirituais através do Espírito

Santo,"(12) eu o aplaudo entusiasticamente e apóio totalmente o seu esforço.

O problema, entretanto, é que algumas partes do artigo de Waltke parecem estar debatendo uma tese diferente. Como já mencionei, ele começa com uma referência à "correta exegese da Escritura Sagrada"(13) e não à transformação espiritual. Mais adiante no artigo, em conexão com o segundo princípio que enuncia, Waltke recorre a duas experiências pessoais como meio de ilustrar "a necessidade de uma disposição [espiritual] correta" se quisermos entender a Bíblia.(14) A primeira ilustração tem a ver com um antigo professor seu, que lhe ensinou "mais acerca de textos antigos que qualquer outro professor," mas que apareceu com uma grosseira interpretação literal de Gênesis 3.15, a saber, que esse versículo refere-se à "eterna antipatia entre cobras e a humanidade, e nada mais."(15) A sua segunda ilustração é o trabalho de Harold Bloom, *The Book of J*, caracterizado por interpretações que "procedem da imaginação de Bloom e não do texto bíblico." Waltke afirma: "Os maiores erros textuais e filológicos em exegese empalidecem em importância comparados aos disparates de Bloom, devido à sua falta de empatia com o autor inspirado."(16) Waltke se pergunta como tais interpretações são possíveis. Sua resposta clara — no contexto do artigo como um todo — é que elas resultam de uma falta de espiritualidade adequada.

Infelizmente, há duas peças importantes de contra-evidência. Uma delas Waltke prontamente reconhece, a saber, o excelente trabalho exegético de eruditos científicos que não se submetem necessariamente à autoridade das Escrituras e ao senhorio de Cristo. Ele diz: "O método científico de exegese à parte da formação espiritual do intérprete *parece funcionar*. Aqueles de nós que assistem à conferência anual da Sociedade de Literatura Bíblica muitas vezes encontram melhor exegese nos trabalhos eruditos lá apresentados do que no púlpito aos domingos pela manhã."(17) Em outra parte, ele comenta: "Ocasionalmente, eruditos que não pretendem estar sendo guiados pelo Espírito lêem o texto com mais perspicácia do que aqueles que reivindicam tal direção, porque eles lêem mais diligentemente e com mais empatia."(18)

Na verdade, podemos substituir a palavra "ocasionalmente" por "rotineiramente." Suponha-se que puséssemos juntos cinco especialistas em literatura Paulina, que, apesar de descrentes, tivessem julgamentos sóbrios e geralmente respeitados; suponha-se, também, que trouxéssemos cinco cristãos piedosos, cuja sensibilidade espiritual fosse reconhecida por todos que os conhecessem, mas que não tivessem treinamento teológico, nas línguas originais, e em outros elementos de hermenêutica bíblica. Suponha-se, ainda, que peçamos a todos eles para nos darem uma explicação de quinze minutos sobre o sentido de 2 Coríntios 2.5-17. Qual grupo tem a melhor probabilidade de oferecer "a exegese correta" daquela passagem? (Confesso que, realmente, de outra perspectiva, os crentes do grupo poderiam ter um melhor "entendimento" da passagem, mas vamos adiar um pouco mais esta questão.)

Tudo isto me leva à outra peça de contra-evidência. Embora seja fácil encontrar entre os estudiosos protestantes idéias afrontosas, que podem ser atribuídas a pressuposições "liberais" ou ímpias, quem de nós já não ouviu numerosas interpretações bizarras, esquisitas e até ridículas propostas por crentes humildes, cujas vidas consagradas e de oração nos deixam envergo-nhados?(19) Parece patente que dificilmente poderemos estabelecer uma correspondência recíproca entre espiritualidade e "correta exegese." De fato, se fosse suficientemente petulante, eu poderia ser capaz de provar que há uma proporção inversa entre as duas!

Todos já passamos por esse problema. Lembro de meu constrangimento quando dava um

curso sobre Paulo no *Westmont College* e um aluno muito esperto comentou que, dos dois livros principais que eu havia designado como leitura obrigatória, o liberal era muito melhor e mais fascinante que o evangélico!

Uma solução para essa aparente dificuldade poderia ser descrita como "minimalista." De acordo com esta solução (aceita por muitos talvez inconscientemente), se tivermos um erudito crente tão preparado intelectualmente quanto um liberal, a interpretação do crente será melhor que a do descrente — e, presumivelmente, a exegese de um crente cujas qualificações acadêmicas e treinamento intelectual sejam fortes, e que regue o seu trabalho exegético com oração, será mais precisa que a de outro cristão cuja espiritualidade é fraca. Assim sendo, segundo essa visão minimalista a precisão de uma interpretação é, na verdade, afetada por qualificações intelectuais, habilidades adquiridas e experiência exegética, mas também se admite que a espiritualidade faz algum tipo de diferença.

Essa forma de abordar o problema reflete um esquema dualístico do tipo natureza-graça e trivializa a obra do Espírito. Sugere que a nossa razão, os nossos dons naturais, e as nossas habilidades humanamente desenvolvidas levam-nos até um ponto, e daí em diante o Espírito nos dá um pequeno empurrão adicional. Bem, confesso que sou *vantiliano* demais para ficar satisfeito com esse enfoque.(20)

Uma solução alternativa para o problema — talvez a perspectiva mais comum entre os professores de teologia — é reconhecer que o estado espiritual do intérprete não é um indicador preciso de pureza exegética e, ao invés disso, focalizar na área da aplicação. De acordo com essa visão, a exegese como tal pode ser feita por qualquer um: o que distingue o crente de um descrente, o cristão maduro do imaturo, é a *apropriação* da verdade que foi interpretada. Há um elemento de verdade nessa posição, e meu próprio ponto de vista pode estar relacionado com ela, como iremos ver. Entretanto, da forma como geralmente é exposta, esta posição é enganosa por diversos motivos.

Em primeiro lugar, ela faz uma dicotomia muito radical entre exegese e aplicação. Embora possamos preservar algumas diferenças importantes entre esses dois aspectos, os estudos mais recentes têm deixado claro que o envolvimento pessoal do intérprete está inseparavelmente ligado à exegese em todos os níveis. Em segundo lugar, esse enfoque termina por separar a mente do coração — exatamente o que os seus proponentes querem evitar. O fato é que a Bíblia realmente refere-se à "mente" e ao "entendimento" quando fala da nossa dependência de Deus. Indubitavelmente, estes e outros termos têm uma referência mais ampla do que o estritamente *intelectual* — e este é exatamente o ponto. O coração é a mente, e a mente é o coração. É inconcebível, talvez mesmo blasfemo, sugerir — mesmo por implicação — que o Espírito Santo não está envolvido no processo interpretativo.

Eu gostaria de propor que a verdadeira chave do nosso problema é outra distinção, mais fundamental: não a dicotomia exegese/aplicação, mas o reconhecimento de que a Bíblia é tanto um livro divino como humano. A freqüente observação de que a Bíblia deveria ser lida como qualquer outro livro é normalmente entendida num sentido negativo, como se refletisse o ponto de vista dos pensadores iluministas, que achavam que era inadequado interpretar a Bíblia levando em consideração a sua singularidade. Curiosamente, até mesmo um evangélico conservador como R. C. Sproul reconhece que a primeira regra de interpretação é: "A Bíblia deve ser lida como qualquer outro livro."(21)

Obviamente, é um falso dilema dizer que a Bíblia deve ser lida *ou* como qualquer outro

livro *ou* como um livro especial. De fato, cometeremos um erro fatal, a menos que leiamos a Bíblia *tanto* como qualquer outro livro *quanto* como um livro totalmente singular. Na medida em que a Bíblia foi escrita em uma língua humana como o grego, é preciso aplicar as regras relevantes ao estudo do grego. E todos nós reconhecemos que não é necessário ser um cristão para ser um perito nesse assunto. Outra vez, como a Bíblia reflete eventos históricos, deve-se fazer uso dos dados arqueológicos, e não-cristãos com treinamento nessa área são muito mais confiáveis em identificar camadas arqueológicas do que cristãos que, embora totalmente piedosos, nunca estiveram envolvidos numa escavação. E assim por diante.

Talvez possamos entender melhor este assunto se pensarmos em exemplos de outras circunstâncias da vida. Certos indivíduos são naturalmente mais capazes que outros quando dirigem um carro. Imaginemos, por exemplo, Pedro, um não-cristão, um motorista nato cujas habilidades são totalmente confiáveis. E imaginemos João, um crente consagrado, mas que é um inepto total ao volante. Eu não creio que qualquer um de nós iria pensar que a confissão cristã de João devesse ter um notável efeito na sua habilidade ao volante, comparada à de Pedro. Isto não significa sugerir que Deus não está interessado na maneira como João dirige, ou que João não deve fazer desse assunto um motivo de oração, ou que o Espírito, em sua soberania, não protegerá de alguma forma o dirigir incompetente. Em outras palavras, a última coisa que queremos é separar a identidade cristã de João de qualquer outro aspecto de sua vida, incluindo a sua maneira de dirigir. Mas ainda assim é verdade que nós nunca associamos a habilidade para dirigir como tal (nem os seus resultados!) com o nível de espiritualidade de um indivíduo.

Vamos usar outro exemplo, o de J. Gresham Machen, que escreveu a clássica gramática grega *New Testament Greek for Beginners* ("Novo Testamento Grego para Iniciantes"). Machen foi um erudito competente e profundamente firme em sua fé reformada. Mas, suponhamos que, nos seus tempos de estudante, quando estudava teologia sob a orientação do liberal Herrmann, a direção de sua fé tivesse tomado um rumo errado. Suponhamos que ele tivesse se tornado um liberal. Ele teria escrito uma gramática pior? Talvez possamos argumentar de modo contrário: que ele pudesse ter se envolvido mais profundamente com questões de filologia e assim tivesse produzido uma gramática ainda melhor! Cabe ainda perguntar se temos alguma certeza de que, durante a produção dessa gramática, ele estava vivendo em uma estreita comunhão com o Senhor, em lugar de estar experimentando algum tipo de esfriamento? Claro, ele deve ter estado em íntima comunhão com Deus, deve ter buscado a bênção divina, deve ter feito o seu trabalho dentro do contexto de uma espiritualidade vigorosa. E podemos estar certos de que o Espírito teria honrado tudo isto. Mas será que podemos inferir que a exatidão do seu trabalho dependia da sua condição espiritual?

Precisamos reconhecer que muito — na verdade, a maior parte — do que se inclui sob o título de exegese, tem a ver com os aspectos humanos da Bíblia, como, por exemplo, decifrar variantes decorrentes da transmissão textual feita por escribas humanos, identificar formas verbais de uma linguagem humana, classificar os relacionamentos lógicos do discurso humano, reconstruir eventos da história humana, avaliar o significado de uma cultura humana. Mesmo sob a categoria de discussão teológica, muita coisa tem a ver com aspectos humanos. Walter Kaiser conta-nos a história de um professor renomado que ilustra bem este ponto. Certa feita, numa aula, esse professor foi levado a

discutir a sua compreensão do sentido de Romanos 1-5. Com uma eloquência incomum e excelente exegese, ele percorreu esses capítulos

com uma habilidade precisa, afirmando que todos na classe haviam pecado e portanto estavam destituídos da glória de Deus. Mas aqueles que cressem no sacrifício do Filho de Deus por seus pecados não seriam apenas justificados; não, eles seriam declarados justos por um Deus que justificava pecadores, assim como faria um juiz ao suspender um processo que tivesse deixado de provar a culpa do réu. Raramente [diz Kaiser] eu ouvi um tratamento tão ousado e justo desse texto de Paulo.(22)

Então, um estudante judeu perguntou um tanto constrangido se ele realmente acreditava em tudo aquilo, ao que o professor respondeu: "Quem disse alguma coisa sobre acreditar?" É evidente que a maioria dos cristãos, inclusive muitos que são genuinamente espirituais, não seriam capazes de apresentar uma explicação *teológica* de Romanos 1-5 como esse erudito descrente fez. E a razão, novamente, é que a argumentação daqueles capítulos está repleta de elementos humanos, para cuja apreciação requer-se treinamento e habilidades especiais.

Resumindo: quer gostemos de admitir ou não, a maioria de nós que ensinamos reconhece que não há correspondência previsível entre a espiritualidade de um estudante e a sua capacidade de entender um texto e produzir um trabalho exegético preciso. É simplesmente isto o que eu quis dizer no início, quando estabeleci a minha tese de que a nossa condição espiritual não tem relação com a perfeição da nossa exegese bíblica.

Mas é claro que a Bíblia é muito mais que um livro humano. Sim, ela tem que ser lida como qualquer outro livro, mas deve também ser lida como nenhum outro livro. Afinal de contas, as qualidades divinas das Escrituras raramente são sujeitas à investigação erudita. Se Deus é o autor supremo das Escrituras, se a sua revelação pretende guiar-nos a um relacionamento com ele, e se ninguém conhece a mente de Deus senão o seu próprio Espírito, então, claramente e sem discussão, devemos receber o Espírito e ser sensíveis a ele — em outras palavras, devemos ser espirituais — antes de podermos esperar entender as Escrituras em seu sentido supremo e autêntico. E seria um desastre completo se nós déssemos aos nossos estudantes de teologia a impressão de que, com respeito ao propósito essencial da Bíblia, um coração submisso fosse opcional.

A verdade, entretanto, é que uma grande parte do que ocorre na educação teológica tem a ver com a dimensão puramente humana das Escrituras. A razão disso é muito simples, a saber, a grande distância que nos separa do mundo bíblico — linguística, geográfica, temporal e culturalmente. Se fôssemos estabelecer um seminário no final do primeiro século em Corinto, não precisaríamos de cursos de grego e nem de aprender muitos aspectos exegéticos relacionados com a língua. Em outras palavras, é o nosso próprio *Sitz-im-Leben* ("contexto"), e não algum problema inerente à Bíblia, que requer que uma parcela significativa de nosso currículo seja devotada a esses elementos humanos das Escrituras. Certamente não devemos sentir-nos culpados ou frustrados pelo fato de que pessoas "não espirituais" saem-se muito bem em relação a tais tarefas.

Não é preciso dizer, ainda, que não apenas os nossos trabalhos exegéticos, mas cada aspecto da nossa existência — inclusive dirigir o nosso carro — deve estar integrado à nossa identidade cristã, e isto significa oração, um espírito de obediência e o compromisso de subordinar tudo ao grande objetivo de santificar o nome de Deus. Mas isto é impossível sem o ministério do Espírito, que testifica a verdade de que somos filhos de Deus, que renova nossas mentes para que possamos entender as coisas de Deus, e que transforma os nossos corações para que possamos aprender a fazer apenas o que é

agradável ao Pai.

English Abstract

The thesis of the author is that our spiritual condition has no bearing whatsoever on the accuracy of our biblical exegesis. Dr. Silva argues his point, first, in reaction to the too common belief among evangelicals that spirituality is the main determinative factor of a correct interpretation of Scripture, and that the exegetical errors and blunders that we see so often are the result of the lack of genuine devotion. Silva shows as pieces of counter-evidence that many pious and devoted Christians are responsible for some of the most bizarre interpretations you can find, and that some of the finest exegetical pieces come from the pen of liberals and unbelievers. Silva rejects the view that accurate exegesis depends on academic qualifications and spirituality together, and the view that makes a distinction between exegesis and application. His own solution is that the Bible is both a human and a divine book, and that most of what we do in theological training has to do with the human dimension of Scripture, because of the linguistic, cultural, geographical and temporal gulf that separates us from the Bible. Still, he argues, our exegetical work has to be done in prayer, with a spirit of obedience, as we do in all other areas of our Christian existence.

Notas

1 Esta palestra também foi apresentada aos alunos e professores do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (São Paulo), em junho de 1995.

2 Num certo sentido, quero insistir que a nossa condição espiritual tem tudo a ver com a precisão de nossa exegese bíblica. Mas, esse reconhecimento, sobre o qual devo falar mais adiante, ameaça domesticar o meu ponto principal. Assim sendo, vamos ignorar por enquanto esta consideração.

3 Bruce Waltke, "Exegesis and Spiritual Life: Theology as Spiritual Formation," *Crux* 30/3 (setembro 1994) 28-35.

4 Curiosamente, Waltke diferencia o papel do Espírito na interpretação do seu papel de "confirmar a verdade" (que ele coloca ao lado da revelação e inspiração como sendo uma parte da história da redenção). Não está claro se ele usa essa frase como equivalente à doutrina do "testemunho interno do Espírito," que refere-se mais à aplicação ("subjativa") da redenção do que aos eventos ("objetivos") da obra da redenção.

5 *Ibid.*, 28.

6 *Ibid.*

7 *Ibid.*, 29.

8 *Ibid.*

9 *Ibid.*, 30.

10 Realmente, algumas das formulações de Waltke são discutíveis. Por exemplo, eu hesito em falar de textos bíblicos como tendo uma natureza impessoal, em contraste com o caráter pessoal tanto dos autores das Escrituras como do intérprete (pp. 30, 33). Quando alguém fala comigo, é apropriado distinguir as suas palavras da sua pessoa? Não é a minha pessoa revelada exatamente no que digo?

11 Essas palavras, ditas numa devocional por E.J. Young quando eu era aluno do Westminster Theological Seminary, estão profundamente marcadas em minha memória. Como meu professor de hebraico, ele me fascinava pela sua erudição, e eu sempre me perguntava como esse professor erudito relacionava sua cultura à sua santificação.

12 Waltke, "Exegesis," 35.

13 *Ibid.*, 28.

14 *Ibid.*, 32.

15 *Ibid.*

16 *Ibid.*

17 *Ibid.*, 29 (ênfase minha). Waltke acrescenta: "Entretanto, eu nunca ouvi uma oração feita naquela sociedade erudita." O ponto de Waltke com este comentário parece contradizer a sua tese de que a espiritualidade é essencial para a "correta exegese." A falta de oração nas reuniões da *Society of Biblical Literature* parece confirmar o argumento de que a falta de espiritualidade muitas vezes é acompanhada de uma melhor exegese do que aquelas que costumamos ouvir nos cultos das nossas igrejas.

18 Waltke, "Exegesis," 32.

19 E, falando apenas por mim mesmo, não posso estabelecer uma conexão entre "meus altos e baixos espirituais" e os resultados do meu trabalho exegético.

20 Cornelius Van Til foi professor de Apologética no Westminster Theological Seminary, e a sua apologética pressuposicionalista tem influenciado muitos estudiosos reformados. Ver o artigo de Ricardo Q. Gouvêa, "Calvinistas Também Pensam: Uma Introdução à Filosofia Reformada," *Fides Reformata* 1/1 (1996) 48-59 [Nota do Editor].

21 R.C. Sproul, *Knowing Scripture* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1978). Embora a Bíblia esteja numa categoria singular por causa da inspiração, "em questões de interpretação, a Bíblia não assume qualquer tipo especial de mágica que muda os padrões literários básicos de interpretação" (p. 63). "Para iluminar o significado espiritual de um texto o Espírito Santo é muito importante. Mas para discernir a diferença entre narrativa histórica e metáfora, a oração não é uma grande ajuda, a menos que envolva fervorosas súplicas a Deus para dar-nos mentes claras e corações puros para vencermos os nossos preconceitos" (p. 64).

22 Walter C. Kaiser, Jr., e Moisés Silva, *An Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), 167. O argumento de Kaiser é que sem a obra do Espírito as pessoas não podem receber verdades espirituais. O meu argumento é um pouco diferente.

